

A memória do *ethos*: um estudo exploratório sobre a relação entre o ser humano e os cães no mundo contemporâneo¹

The memory of ethos: an exploratory study on the human-dog relationship in the contemporary world

Matheus André Beraldo Penteado², Gilberto Safrá³

¹ O conteúdo deste artigo está baseado na dissertação de mestrado de um dos autores, sob o título de “Investigações sobre a relação entre o ser humano e os cães no mundo contemporâneo: a memória do *ethos*”, realizada no Departamento de Psicologia Clínica do IP-USP.

² Psicólogo clínico/psicanalista (bolsista CAPES), mestrando no Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP. E-mail: mberaldop@gmail.com.

³ Professor titular e livre-docente do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP. E-mail: iamsafrá@uol.com.br.

Resumo

Esta pesquisa buscou investigar o lugar do cão frente ao ser humano no mundo contemporâneo. Observa-se que o cão assume figura de destaque, ao inserir-se como elemento vital na vida de muitas pessoas, além de ser parte integrante do horizonte sociocultural de muitas cidades. A partir de um referencial fenomenológico-hermenêutico, buscou-se investigar os sentidos desse fenômeno contemporâneo a partir de uma abordagem híbrida: por um lado, foram realizadas entrevistas abertas com pessoas cujas vidas estivessem marcadas pela participação significativa do cão; por outro, foi possível, por meio do procedimento da observação participante, adentrar os diversos lugares em que a relação entre seres humanos e cães acontece na atualidade. Aven-
tamos a hipótese, com base na discussão de Gilberto Safra sobre a fragmentação do *ethos* no mundo contemporâneo, de o cão ocupar um lugar ético, auxiliando na recuperação da memória de dimensões da condição humana que se encontram empobrecidas.

Palavras-chave: relação humano-cão; cães; mundo contemporâneo; *ethos*.

Abstract

This research sought to understand the place of dogs vis-à-vis human beings in the contemporary world. Dogs are observed to have assumed a noteworthy position as they inserted themselves as vital element into the life of many individuals. They also currently integrate the sociocultural horizon of many cities. From a phenomenological-hermeneutic framework, we aimed to investigate the meanings this contemporary phenomenon takes on using a hybrid approach: on the one hand, from a psychological perspective, we openly surveyed people in whose lives dogs play a significant part; on the other hand, from an anthropological perspective, through a participant observation method, we visited a number of places where the human-dog relationship is seen to unfold. Based on Gilberto Safra's discussion on the fragmentation of *ethos* in the contemporary world, we offer the hypothesis that the dog occupies a fundamentally ethical place, helping to recover the memory of now impoverished dimensions of the human condition.

Keywords: human-dog relationship; dogs; contemporary world; *ethos*.

Introdução

Observamos com curiosidade e perplexidade a presença cada vez mais impactante e incisiva dos cães no mundo contemporâneo. Estes animais aparecem não apenas tematizados em filmes, livros, exposições, peças, mas também são parte integrante das biografias de muitas pessoas. Ouvem-se frequentemente, em nossos dias, relatos e narrativas de pessoas cujas vidas estão marcadas significativamente pela presença do cão; estas pessoas, por meio da companhia canina, tiveram a possibilidade de atravessar momentos conturbados de sua existência, como divórcios, perdas de parentes próximos, tentativas de suicídio, depressões e traumas. Em muitos casos, o cão é o único ser capaz de fornecer companhia e testemunho diante destes momentos de instabilidade emocional. A enorme e variada quantidade de relatos referentes à presença significativa do cão junto à biografia de uma pessoa poderia ser condensada em frases facilmente identificáveis no cotidiano, tais como: “meu cachorro salvou minha vida”, “não sei o que seria de mim sem meu cachorro”, entre outras.

Para além do registro subjetivo, o cão assumiu hoje uma figura de destaque também no campo sociocultural. É notável a presença dos cães em propagandas, eventos e mídias sociais; há também crescente permissividade, por parte de restaurantes, shoppings, sorveterias, bares, quanto à inclusão de cães nestes estabelecimentos, consolidando seu apelo como *pet friendly*; aparecem programas televisivos voltados exclusivamente ao cão, como Dog TV, um canal que possui a proposta de “entreter” o cão enquanto seu tutor está fora de casa. A presença maciça do cão no campo sociocultural também se evidencia pelo incremento cada vez maior de serviços disponíveis voltados exclusivamente ao universo canino, como pet shops, hotéis, creches, padarias, espaços de lazer para cachorros, cosméticos e planos de saúde; ainda, nota-se o aumento, sobretudo nas grandes cidades, do número de passeadores e cuidadores de cães.

No cotidiano, ouvem-se frequentemente designações tais como: “simbiose”, “apego”, “depressão”, “ansiedade” para se referir ao comportamento do cão. Segundo uma pesquisa recente, um quarto dos cães britânicos sofreriam de depressão, em função do estresse ao serem deixados sozinhos quando seus donos vão ao trabalho (Philipson, 2013). O cão já é referido, por muitos, como membro da família (Beck & Katcher, 1996). Muitas vezes, ouvimos relatos em que o cão é referido como “filho” ou é colocado em um lugar que ultrapassa aquele de um mero animal*.

* Em pesquisa realizada pela Faculdade Medicina Veterinária da USP, na qual se buscou, entre outras coisas, traçar um perfil comportamental de tutores de cães no Brasil, descobriu-se que 44% destes tutores consideravam seus cães como filhos. Em: <https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2016/07/28/inter-na-nacional.788614/no-brasil-44-3-dos-domicilios-possuem-pelo-menos-um-cachorro-e-17-7.shtml>.

Percebe-se que o cão, paulatinamente, passa a comparecer cada vez mais em lugares como empresas, universidades e shoppings. O vínculo humano-cão se torna cada vez mais estreito e íntimo. Observa-se que algumas companhias aéreas, por exemplo, têm permitido a entrada de animais de estimação, e em algumas delas o transporte é permitido desde que seja comprovada a necessidade psiquiátrica/emocional da presença do animal, o qual é classificado, neste contexto, como “apoio emocional” (Matei, 2019).

Diante da enorme quantidade de fenômenos contemporâneos catalogados acima, algumas perguntas se impõem: por que isto acontece? Afinal, qual é o lugar ocupado pelo cão em nosso tempo? Quais seriam os sentidos possíveis para o que observamos? Sabe-se que o cão assumiu (e ainda assume), ao longo da história, diversos papéis ou lugares que lhe foram associados, em função de necessidades sociais, culturais, religiosas, econômicas e políticas as mais diversas (Thurston, 1996). Ainda que hoje o cão, em muitas localidades, exerça alguns destes papéis já consagrados historicamente, temos atualmente um cenário particular no qual o cão parece assumir um lugar de maior especificidade, cujo delineamento será o foco da investigação aqui.

Hipótese

Nossa hipótese tem como fundamento a compreensão do contexto sociocultural em que estamos inseridos. Observa-se, nas discussões promovidas por diversos filósofos, sociólogos, antropólogos e psicanalistas, a ideia de que o ser humano, na atualidade, se encontra em uma profunda crise, a qual se alastra por todos os registros que o constituem. Atualmente, somos afetados por profundas transformações socioculturais: com as mudanças ocasionadas desde o início da era moderna pela hegemonia da técnica, pelo incremento da tecnologia e da globalização, encontramos novas formas de sofrimento humano, não decorrentes de dinâmicas psíquicas ou sociais, mas de acontecimentos que ferem a própria fundação e a constituição do ser humano, referentes àquilo que Gilberto Safra (2004) denomina o *ethos*. Para este autor, o *ethos*, em uma de suas etimologias, refere-se à morada ou pátria; diz respeito aos diferentes aspectos que possibilitam que o ser humano more ou aconteça no mundo com outros humanos, isto é, diz respeito aos fundamentos da condição humana, sem os quais o ser humano não se constitui ou se constitui de forma precária. É possível elencar, como algumas das necessidades éticas fundamentais a hospitalidade, o testemunho, a solidariedade, o reconhecimento da singularidade, entre outros. Neste sentido, o *ethos*, como noção relacional, não diz respeito a uma

perspectiva essencialista acerca do ser humano; trata-se de condições, disponibilidades e necessidades fundamentais para que o ser humano aconteça.

Para Safra (2010), o ser humano na atualidade se encontra desenraizado em sua condição originária, enraizamento que se faz na experiência de alteridade, de *estar-com*. Porém, em um tempo em que se nota um esfacelamento da dimensão ética, em que a cultura e as relações humanas são excessivamente virtualizadas, mediadas pela técnica, pelas hiper-realidades tecnológicas, geram-se solidão, vazio e tédio (Larchet, 2019). Neste quadro cultural, em que se nota uma perda gradual da convivência e do esfacelamento do sentido de alteridade, há perda e afastamento de dimensões fundamentais da condição humana.

Portanto, segundo nossa hipótese, a presença marcante dos cães no mundo contemporâneo aponta para um resgate ou recuperação da memória, por via da presença terna e da disponibilidade ética do cão, das necessidades fundamentais do *ethos* humano. A presença maciça do cão poderia ser compreendida, deste modo, como recuperação do sentido de alteridade, do *estar-com*, demanda afetiva e ética do ser humano.

Metodologia

Dado o caráter ampliado desta investigação, a qual visa não apenas compreender o lugar do cão na subjetividade e na história particular dos indivíduos, mas também em sua inserção sociocultural, adotamos como ponto de partida a existência de um duplo vértice de exploração para a pergunta fundamental deste trabalho. Vértice duplo que exigiu, por sua vez, dois diferentes procedimentos capazes de abarcar a complexidade e a particularidade dos fenômenos estudados.

É preciso dizer que ambos os procedimentos foram conduzidos de maneira responsável e ética. A pesquisa foi cadastrada na Plataforma Brasil, base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos, sendo aprovada pelo CEPH (Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos).

Assim posto, adotamos, como primeira perspectiva de trabalho, o que poderíamos chamar de *vértice psicológico*: nesse ponto, estivemos interessados em compreender, dentro da biografia de uma pessoa, qual o lugar ocupado pelo cão, isto é, qual a importância assumida pelo animal no percurso existencial ou na configuração subjetiva de alguém. O procedimento metodológico privilegiado para dar ensejo a tais questionamentos dentro deste vértice psicológico foi a entrevista. Fizemos uso, neste trabalho, da entrevista aberta, na qual há ampla liberdade para o entrevistado discorrer sobre o tema pesquisado. Nessa modalidade de entrevista,

não há perguntas nem qualquer forma de estruturação prévias à interação entrevistador-entrevistado(a), havendo apenas o oferecimento do tema da pesquisa.

Adotamos para a realização das entrevistas o seguinte critério: escolhemos pessoas cujas histórias de vida estivessem marcadas significativamente pela presença do cão em suas vidas; pessoas que entendessem que o cão possui um papel fundamental em seus percursos existenciais, e que se sentissem dispostas a relatar seu percurso junto ao animal. A escolha dos entrevistados se deu de maneira aleatória, havendo tão somente a necessidade dos participantes em se disponibilizarem voluntariamente para depor acerca de sua relação com os cães.

Foram registradas ao todo 17 entrevistas, todas elas gravadas e transcritas. A todos os entrevistados foi fornecido o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), documento no qual os participantes consentiram por escrito em participar da pesquisa, permitindo a inclusão de trechos da entrevista no texto, sem terem em nenhum momento sua identidade revelada, algo que lhes foi explicitado antes da entrega do documento

Não houve um número de depoentes previamente estipulado, mas foram entrevistadas pessoas em número suficiente para que houvesse a saturação do fenômeno estudado. Foram delineadas quatro unidades temáticas fundamentais. Essas categorias foram as mesmas encontradas no segundo procedimento empregado neste trabalho.

A segunda etapa da investigação refere-se ao *vértice antropológico* da investigação. Interessou-nos, em um primeiro momento, conhecer alguns dos espaços públicos mencionados, locais privilegiados onde a relação humano-cão acontece na cidade de São Paulo. Posteriormente, selecionamos alguns dos protagonistas envolvidos nesse universo, isto é, profissionais inseridos no universo *pet*, capazes de relatar, por seus trabalhos e por suas observações diretas, diferentes perspectivas sobre o modo como enxergam o acontecimento da relação do humano com seu animal de estimação. O procedimento metodológico privilegiado para explorar tal horizonte antropológico foi a observação participante, ferramenta frequentemente utilizada em pesquisas ligadas ao campo da sociologia e da antropologia, a qual permite que o pesquisador observe e participe ativamente do lugar no qual o fenômeno estudado acontece. Em nosso caso, com a devida autorização dos responsáveis, foi possível visitar alguns locais em que a presença do cão se faz significativa. Do mesmo modo, pudemos conversar abertamente com profissionais ligados ao campo e deles obter depoimentos que nos auxiliassem a compreender mais profundamente a relação humano-cão na atualidade.

Visitamos os seguintes serviços:

- a. espaço de lazer para cães – o qual também funciona como creche;
- b. uma empresa de tecnologia que adotou uma cachorra no espaço de trabalho, onde vive;

- c. um posto de gasolina, conhecido pela presença de um cão que mora no local e é cuidado pelos funcionários;
- d. uma instituição de longa permanência no dia em que esta receberia cães provenientes de uma ONG voltada à terapia assistida por animais;
- e. conversamos com quatro veterinários, sendo que um deles, apesar de não atuar na área, é fundador de um aplicativo voltado a passeios, hospedagens e *home care* para cães. Tivemos a oportunidade de conhecer uma profissional que trabalha na área de bem-estar animal há mais de 15 anos;
- f. conversamos com uma psicóloga estudiosa de um campo conhecido como comunicação intuitiva com animais;
- g. conversas com uma voluntária em ONG de terapia assistida por animais;
- h. conversas com a presidente de uma empresa, em cuja sede habitam dois cães resgatados.

Embora tenhamos empregado dois tipos de procedimentos, estivemos interessados em encontrar, a partir do uso deles, *unidades de sentido* convergentes, passíveis de análise posterior. Para isso, foi necessário fazer uso do método hermenêutico, o qual se caracteriza por acessar o fenômeno humano por meio da compreensão. Essa perspectiva de investigação funda-se em nossa capacidade de acolher os signos da vivência psíquica de alguém, que abarca a palavra, o gesto, a arte, entre outros. Busca-se dessa maneira compreender os sentidos que se manifestam em um determinado fenômeno, de modo a superar a dicotomia sujeito-objeto. Assim, a hermenêutica nos possibilita estar com o outro por meio da compreensão. Toda compreensão é uma interpretação, como procedimento de desvelamento de sentidos. A pesquisa, assim concebida, implica estar-se em um processo dialógico, por meio de sentidos compartilhados (Dilthey, 2010; Gadamer, 1960/1997).

Em ambas as perspectivas se tratou de explorar hermeneuticamente as descrições das experiências com o cão tais como elas foram relatadas pelos diversos depoentes deste trabalho, e encontrar nelas temas com fecundidade para discussão. Com isso, obtivemos a forma ou o desenho de quatro unidades de sentido ou categorias fenomenológicas, baseadas nos relatos estudados.

Resultados

a) O cuidado

As diversas entrevistas realizadas, assim como recolhimento de relatos, depoimentos e observações *in loco*, nos permitiram constatar a enorme preocupação dos tutores com o bem-

estar dos cães. Ultrapassando os meros cuidados básicos necessários à manutenção da saúde e da higiene do animal, observamos que tal preocupação se evidencia nos momentos de ausência do tutor, papel desempenhado pelas diversas instituições dispostas a cumprir essas demandas, como creches, hotéis e *pet cares*.

O cuidado com o cão se apresenta como uma preocupação devotada. Muitos entrevistados relataram que a presença do cachorro em suas vidas fez com que precisassem reestruturar seu cotidiano, seus relacionamentos, seus projetos e suas decisões de vida de modo a adequá-los às necessidades de seu animal. Deles observamos, por exemplo, que alteraram suas rotinas de trabalho ou evitaram viagens significativas com a intenção de evitar a solidão de seus cães.

Muitos descreveram esse cuidado como “materno”, justificando assim a qualificação dos cães como verdadeiros “filhos”, aspecto bastante presente nos relatos e nas observações recolhidos nesta pesquisa, assim como seus derivativos, tais como “bebê”, “rainha” ou “princesa”. A disponibilidade com que os seres humanos ouvidos nesta pesquisa se dispõem a cuidar e se responsabilizar por seus cães revela uma atitude que implica, em muitos momentos, um sacrifício ou uma anulação de si mesmo em prol do cuidado de seus animais, sobretudo em situações envolvendo o adoecimento de seus cães. Nestes instantes de aflição, comoção e angústia, ouvimos como as pessoas foram capazes de ficar noites sem dormir, de largarem o que estivessem fazendo para cuidar de seus animais.

O cuidado e a preocupação que os tutores apresentam podem ser facilmente traduzidos como “experiência de amor”, como os próprios entrevistados descrevem. Amor diante de uma vida frágil, de pouca duração – se comparada com a duração de uma vida humana – que exige cuidados constantes, mas desempenhados com paciência, com alegria e satisfação, na intenção de oferecer uma vida saudável, digna e feliz ao cão. Esta responsabilidade era insistentemente convocada pela companhia e pela presença suportiva de seus cães.

Com base na pequena amostra obtida para esta pesquisa, sabemos que se trata de um cuidado de mão dupla: por um lado, os cães ofertam seu cuidado na forma de presença e de suporte. No caso do ser humano, os relatos nos mostram que cuidar de um cão pode oferecer sentido existencial e pode transformar a vida de alguém, assumindo responsabilidades que, ainda que frequentemente penosas, são expressões da devoção e cuidado com outro ser, experiência fundamental de amor.

b) Transformações de si e aprendizados

Grande parte dos depoentes – sobretudo aqueles que são tutores de cães – revelou uma percepção de que a relação cotidiana com o animal possibilitou, ao longo do tempo,

transformações significativas em seu modo de ser e de se relacionar. Há uma potencialidade transformativa advinda no vínculo duradouro com o cão, que poderia ser sintetizada em: “eu fiquei um ser humano melhor”; “se eu não tivesse um cachorro, eu não sairia tanto de casa quanto eu saio”; “eu fui ficando mais afetiva, mais carinhosa”; ou então: “muito de quão afetivo eu sou como pessoa, quem me ensinou a fazer foi cachorro”.

Os entrevistados relatam que, graças à facilitação do cão – afinal, um ser na maioria das vezes dócil, afável e disponível – tornaram-se mais sociáveis, passando a conversar mais com outras pessoas. Eles também observam que o convívio diário com seus cães os transformou afetivamente. Tornaram-se, graças aos animais, mais atentos, delicados, carinhosos e sensíveis.

Nesse sentido, notamos que um potencial afetivo pode se desvelar ou despertar na relação que se desenvolve com os cães. Uma das entrevistadas chegou mesmo a dizer: “ela [refere-se à sua cachorra] foi nos conquistando, foi derretendo a gente”. Mais à frente, essa mesma entrevistada aponta as transformações notadas em seu próprio modo de ser: “ela derreteu muita coisa em mim que talvez estivesse mais adulta, mais formal, mais distante”.

O convívio com os cães lhes ofertou, ainda, *aprendizados* significativos. O cão, por exemplo, ensina sobre luto. Afinal, em função da duração menor da vida de um cão (se comparada à vida humana), muitos entrevistados, quando narram suas vidas junto ao animal, realçam o processo de perda de diversos cães com os quais conviveram, desde os últimos cuidados médicos até a travessia da experiência da perda propriamente dita. Para muitos, trata-se da primeira experiência envolvendo a morte de um ser amado.

Os cães ensinam não só na experiência de perda, mas também em vida. Segundo o que apreendemos dos relatos dos depoentes, os cães também são modelos, sobretudo sobre o que é o amor. Nesse sentido, para uma das entrevistadas, sua cadela não é apenas um modelo ético de lealdade, fidelidade, disponibilidade, amizade, mas “ela é o amor, porque ela agrega, junta, une, aproxima [...]”. De fato, muitos entrevistados apontam para essa capacidade observada em seus cães de poder, graças à sua disponibilidade, juntar, reunir as pessoas à sua volta, tornando possível a união também entre humanos.

c) A ternura e a comunicação intersubjetiva

Outra faceta significativa revelada na relação entre o ser humano e os cães, tal como contada pelos diversos depoentes e entrevistados para esta pesquisa, refere-se à ternura e à comunicação intersubjetiva presentes no vínculo. As histórias e as situações do cotidiano, evocadas pelos participantes, estão repletas de afeto e carinho, de ambos os lados da relação. Contam-nos, assim, como percebem e como reagem à *linguagem* da ternura ofertada por seus cães no

dia a dia. Para eles, os cães promovem uma atmosfera de afeto, capaz de contagiar não só a relação, mas também o ambiente em torno. A relação com os cães, para muitos, se torna o único reservatório de compreensão, de amor e de companhia, diante de um ambiente humano desinteressante e demandante

Reconhece-se que a mera presença, companhia e disponibilidade do cão são suficientes para possibilitar conforto, segurança e bem-estar. A estas ofertas caninas é que muitos entrevistados atribuem a possibilidade de atravessarem as flutuações, os desencontros e os dramas do cotidiano.

Trata-se de uma modalidade especial de relação que os próprios cães propõem, como dito em um dos relatos: “cachorro pede carinho, deita de lado [...], uma carência de contato [...]”. Trata-se de um tipo de interação que desconstrói toda formalidade, e demanda um posicionamento e uma disponibilidade, por parte dos humanos, igualmente terna e amorosa.

A troca se dá de uma maneira “primária” (expressão de um dos depoentes). Ainda que ser humano e cão não troquem palavras, alcançam, no entanto, uma plenitude comunicativa que ultrapassa os signos linguísticos. Há, por exemplo, referências abundantes, por parte dos entrevistados, à potencialidade expressiva do olhar de seus cães. Para muitos deles, a experiência lhes mostra que seus cães “falam” pelo olhar, e de algum modo buscam se comunicar, seja com seus bocejos, latidos e trejeitos que lhes são característicos. O olhar do cão, para muitos dos depoentes, é não apenas uma forma de expressão comunicativa genuína, mas também uma forma eminentemente *terna*, já que, para eles, é também uma demonstração, uma oferta de sentimento, de carinho, de amor, de “que todo ser humano precisa”.

A própria convivência e sinergia cotidianas com seus cães, a atenção aos gestos expressivos e aos olhares do animal configuram uma comunicação efetiva, a ponto de muitos conversarem com seus cães e acreditarem que eles respondem, à sua maneira. Alguns, ainda, atribuem uma certa inteligência misteriosa na expressão e na intenção comunicativa de seus cães. Um dos depoentes faz referência a essa comunicação significativa com seus cães: “é como se eles me entendessem, é, realmente a gente tem uma comunicação, né, mesmo não se falando a gente tem uma comunicação”. Os cães, segundo os participantes, compreendem o tom de voz e *sentem* as flutuações emocionais de seus tutores, respondendo a partir de expressões que indicam, para os depoentes, uma relação direta com intenções e sentimentos dos humanos.

d) Abusos e distorções do ser canino

Se as categorias anteriores apresentaram dimensões benéficas e construtivas da relação humano-cão na atualidade, como o cuidado mútuo, a comunicação terna e as possíveis

transformações e aprendizagens provocadas pelo convívio com o animal, foi preciso incluir nesta seção um tópico de igual relevância, posto como alerta por diversos participantes da pesquisa. Lado a lado com a devoção amorosa observada para com os cães no mundo contemporâneo, convivem, segundo nos lembram especialistas, relações distorcidas ou abusivas entre humanos e cães, capazes de adoecer o animal.

Dentre essas situações, as mais corriqueiras mencionadas pelos participantes são os abandonos, maus tratos diversos – muitos deles realizados de maneira cruel – e a exploração comercial e industrial irrestrita do animal, como as alterações genéticas, visando a interesses tais como a adequação aos espaços de moradia contemporâneos e à busca por visibilidade nas redes sociais.

Uma das veterinárias ouvidas, por exemplo, cita diversos clientes que negligenciam cuidados aos seus cães à medida que estes envelhecem, momento em que justamente necessitariam de maiores atenções e cuidados, como se tratasse, segundo seu ponto de vista, de meros “brinquedos”, a serviço da satisfação de seus tutores, pouco interessados na satisfação de seus pets. Ela também cita casos de clientes que hesitam em realizar procedimentos veterinários necessários ao bem-estar do cão, como vacinas periódicas, com medo de machucar o animal, visto como excessivamente “frágil”.

Temos, por exemplo, uma série de relatos de cães cuja raça é tida como doce, afável, sociável, apresentando, contudo, comportamentos exageradamente agressivos, os quais resultam, segundo nos apresentam os depoentes, de ciúmes dos tutores ou mesmo do excesso de “mimos” com os quais os cães são tratados.

Podem ser observados, ainda, comportamentos mais graves. Os cães têm chegado aos consultórios veterinários apresentando frequentes problemas de dermatite, depressão e comportamentos de automutilação. Uma possível causa para o primeiro item, segundo estes veterinários ouvidos, é o excesso de banhos, já que muitos tutores, procurando enfeitar seus cães, se esquecem de que a pelagem canina pode apresentar alergias ou sensibilidades aos produtos utilizados. Quanto aos comportamentos de automutilação, são citados os casos de cães que arrancam os próprios pelos.

Em muitos casos, a relação intensa de afeto com o cão pode assumir contornos eróticos e gerar perturbações inclusive na vida conjugal, para aqueles tutores de cães que convivem e compartilham o espaço com seus maridos/esposas. Uma das veterinárias ouvidas para esta dissertação elenca alguns comportamentos de clientes que se encaixam neste perfil: são tutores que masturbam ou beijam o animal na boca; tutoras que preferem dormir com seus cães ao invés de dormirem com seus próprios maridos, que ficam relegados ao sofá. Alguns cães, diante

dessa configuração relacional erótica que lhes é imposta, reagem com comportamentos agressivos, denotando proteção do espaço e de sua tutora. É assim que muitos cães não apenas dormem com suas tutoras, mas evitam que os próprios maridos se aproximem da cama, adotando comportamentos agressivos.

Discussão

Como categorias de experiências relatadas, podemos perceber que elas apontam para dimensões fundamentais da experiência inter-humana, vividas, paradoxalmente, com o cachorro. Estamos diante de categorias éticas constitutivas: o cuidado, a ternura, a disponibilidade empática e afetiva, a presença, o testemunho e a hospitalidade. Foi possível observar que o cachorro é aquele, por exemplo, capaz de ofertar cuidado e que permite que com ele se tenha a experiência fundamental de cuidado-amor, na qual o ser humano vivencia o sacrifício ou a renúncia de si em direção a um outro. O cão se faz lar ou família, capaz de receber afetuosamente um humano que retorna à sua casa. É aquele também que, em sua disponibilidade empática originária, oferta companhia e testemunha as dores e as aflições humanas em seu cotidiano. O cão é uma alteridade que possui disponibilidades e potencialidades capazes de nos ofertar algo e de ensinar, fato já reconhecido, por exemplo, na filosofia (Lévinas, 2010; Derrida, 2006).

Poderíamos dizer que nestas novas modalidades de relação humano-cão, o cachorro aparece fundamentalmente como *presença*, no sentido apresentado por Winnicott (1996), quando este psicanalista, em sua obra, discute os dois eixos fundamentais do acontecimento humano. Para ele, o bebê humano experimenta dois modos de relação com a mãe, os quais servem como base para os relacionamentos posteriores. Em um polo, ele destaca o relacionamento objetal. Neste modo, o outro é objeto de meus investimentos pulsionais e dos meus afetos, com o qual, portanto, posso fazer algo. Em outro polo, o outro é vivido como presença. Neste registro, a mãe, embora cuide do bebê, não se faz presente como objeto, e sim como parte de um ambiente que se faz cuidado, que se faz preocupação, que se comunica empaticamente com seu bebê. Não estamos frente a uma relação no polo do fazer, mas sim do ser. Nesse sentido, antes mesmo da constituição ou formação subjetiva e psicológica do bebê, a oferta de cuidado ambiental estabelecida pela mãe, vivida no polo do ser, é um acontecimento ético, palco no qual o ser humano pode surgir.

Vemos que diferentes experiências éticas são possíveis com os cães. Se por um lado essa possibilidade aponta para a preservação do *ethos*, ainda que deslocado para o campo canino, constatamos outrossim um desencanto e uma desesperança com o humano, provocado

pela erosão ou pela desertificação da presença ou da companhia. Neste cenário, os cães podem oferecer uma disponibilidade ética que permite a realização de experiências fundamentais do acontecer humano.

Esse desencanto se cristaliza nos relatos dos próprios participantes. Deles ouvimos a forma desencantada e desesperançada com que se referem ao ser humano. Em suas palavras, o ser humano na atualidade é um ser egoísta, preocupado apenas com seus interesses pessoais, sem tempo para se relacionar com o outro. Diversos entrevistados, ao relatarem cenas significativas de sua história, não hesitam em afirmar que em diversos momentos preferem a companhia canina à companhia humana. Com os cães se sentem mais envolvidos, mais confortáveis e menos demandados.

Significativo acerca do desaparecimento do humano nos relatos é o comentário de diversos depoentes sobre os passeios com seus cães. Dizem eles que as pessoas frequentemente se recordam mais dos nomes de seus cães do que de seus próprios nomes. Outros, ainda, tornaram-se mais reconhecidas em função da presença do cão, quando antes eram anônimos no bairro em que moram. Realidade que se confirma em instituições em que há visitas de cães terapeutas. Muitos afirmam – referindo-se a si próprios ou a amigos ou colegas próximos – que o falecimento de seus cães lhes trouxe maior pesar do que o próprio falecimento de parentes.

As observações e depoimentos colhidos revelam uma percepção, por parte dos entrevistados, não apenas de uma ausência de companhia do ser humano em meio ao contexto da virtualização das relações e da vida mesma, mas também em seus depoimentos observamos que o cão é objeto de tamanha intensidade afetiva que testemunha, ao mesmo tempo, um desequilíbrio ou desinvestimento em se tratando das relações humanas.

Possuímos agora uma nitidez maior para compreendermos o quadro esboçado no tópico relacionado aos abusos e às distorções da natureza canina, última das categorias apresentadas anteriormente. Compreendemos que o cão, embora seja um animal que historicamente tenha se adaptado aos diversos contextos socioculturais humanos, pode sofrer alterações significativas em seu comportamento e pode adoecer quando observamos que a demanda que lhe é posta, como visto, é a de colaborar na sutura das fendas e na solidão do ser humano, próprias a nosso tempo. Se em outros períodos históricos, as funções caninas estavam bem delimitadas, atualmente observamos que o cão, ocupando uma função na interface com o humano, e povoando a casa como membro efetivo da família, pode ficar muitas vezes perdido em sua condição

originária*. Eis um sentido possível para os adoecimentos dos cães pós-modernos, visível em expressões comportamentais, reveladoras de ansiedade, depressão, automutilação, entre outros.

Eis que, em sua grande sinergia com o ser humano na atualidade, o próprio *ser* do cão pode sofrer alterações, justamente pela adaptabilidade originária e pela devoção canina ao ser humano, mesmo em contextos socioculturais em que há adoecimentos contundentes na constituição do *ethos* humano, que afetam o vínculo humano-cão e o próprio animal. Ao tornar-se mera coisa ou objeto dos caprichos estético-comerciais humanos e não havendo, portanto, consideração pelas necessidades fundamentais do animal, o ser humano viola a condição originária do ser-cão.

No entanto, nem sempre este é o caso. Entendemos o fenômeno da relação humano-cão como campo historicamente mutante, dinâmico, que a cada momento histórico apresenta novas facetas, dignas de análise, oferecendo configurações e modalidades relacionais que podem favorecer o adoecimento ou o crescimento do vínculo em questão. Ao tomarmos contato com diversos tutores de cães, profissionais envolvidos na área *pet* e demais interessados no tema, notamos que os cães podem também se beneficiar do cuidado devotado e da grande demanda afetiva promovida por seus tutores. Afinal, reconhecemos que há um desejo legítimo de melhorar a vida do animal, como visto pelo esforço e sacrifício dos tutores, e pelo crescimento de diversos campos da medicina veterinária e outros ramos de cuidado ao *pet*, como o uso de florais, acupuntura, entre outros. *Humanos e cães podem crescer juntos*. Havendo experiência de mutualidade, podem existir benefícios para ambos os polos da relação, como observado amplamente pelos relatos dos participantes aqui expostos.

* Por “condição originária” entendemos não a defesa de uma visão essencialista acerca da natureza animal, mas a compreensão de que o cão possui certas disponibilidades e necessidades que, se violadas, podem adoecê-lo ou comprometê-lo.

Referências

- Beck, A.M. & Katcher, A.H. (1996). *Between pets and people: the importance of animal companionship*. West Lafayette, EUA: Purdue University Press.
- Derrida, J. (2006). *L'animal que je suis*. Paris, França: Éditions Galilée.
- Dilthey, W. (2010). Introdução às ciências humanas: tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história. Rio de Janeiro, RJ: Forense.
- Gadamer, H-G. (1997). *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Larchet, J.C. (2019). *The new media epidemic: the undermining of society, family, and our own soul*. Jordanville, EUA: Holy Trinity Monastery.
- Lévinas, E. (2010). *Difficile liberté: essais sur le judaïsme*. Paris, França: Albin Michel.
- Matei (2019, 13 de agosto). The number of fake emotional support dogs is exploding – why?. *The Guardian*. Recuperado de: <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2019/aug/12/fake-emotional-support-animals-service-dogs>.
- Philipson (2013, 19 de agosto). One in four dogs ‘suffering depression’. *The Telegraph*. Recuperado de: <https://telegraph.co.uk/news/health/news/10251465/One-in-four-dogs-suffering-depression.html>.
- Safra, G. (2004). *A po-ética na clínica contemporânea*. Aparecida, SP: Idéias e Letras.
- Safra, G. (2010). A violência silenciosa: o eclipse do *ethos* humano no mundo contemporâneo. *inTolerância*, 1(1), 41-51.
- Thurston, M.E. (1996). *The lost history of canine race: our 15.000-year love affair with dogs*. Kansas City, EUA: Universal Press Syndicate Company.
- Winnicott, D.W. (1996). *The maturational processes and the facilitating environment*. Londres, Inglaterra: Karnac Books.

Financiamento: esta pesquisa teve financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES). Número do processo: 33002010039M3.

Agradecimentos: agradecemos a CAPES pelo financiamento desta pesquisa e a todas as pessoas que contribuíram para a execução deste projeto, como professores, amigos e colegas; agradecemos especialmente aos participantes ativos desta pesquisa, que, na qualidade de entrevistados ou depoentes, forneceram o material a partir do qual pudemos realizar as discussões do conteúdo proposto neste artigo.